

ÍNDICE

Prefácio

01 – 02 – 03 – 04 – 05

06 – 07 – 08 – 09 – 10

11 – 12 – 13 – 14 – 15

16 – 17 – 18 – 19 – 20

21 – 22 – 23 – 24 – 25

26 – 27 – 28 – 29 – 30

31 – 32 – 33 – 34 – 35

36 – 37 – 38 – 39 – 40

41 – 42 – 43 – 44 – 45

46 – 47 – 48 – 49 – 50

51 – 52 – 53 – 54 – 55

56 – 57 – 58 – 59 – 60

61 – 62

Lei Contra o Cristianismo

Notas

O Anticristo

Ensaio de uma Crítica do Cristianismo

Friedrich Wilhelm Nietzsche

Prefácio

*Este livro pertence aos homens mais raros. Talvez nenhum deles sequer esteja vivo. É possível que se encontrem entre aqueles que compreendem o meu “Zaratustra”: como eu **podéria** misturar-me àqueles aos quais se presta ouvidos atualmente? — Somente os dias vindouros me pertencem. Alguns homens nascem póstumos.*

*As condições sob as quais sou compreendido, sob as quais sou **necessariamente** compreendido — conheço-as muito bem. Para suportar minha seriedade, minha paixão, é necessário possuir uma integridade intelectual levada aos limites extremos. Estar acostumado a viver no cimo das montanhas — e ver a imundície política e o nacionalismo **abaixo** de si. Ter se tornado indiferente; nunca perguntar se a verdade será útil ou prejudicial... Possuir uma inclinação — nascida da força — para questões que ninguém possui coragem de enfrentar; ousadia para o **proibido**; predestinação para o labirinto. Uma experiência de sete solidões. Ouvidos novos para música nova. Olhos novos para o mais distante. Uma consciência nova para verdades que até agora permaneceram mudas. **E** um desejo de economia em grande estilo — acumular sua força, seu entusiasmo... Auto-reverência, amor-próprio, absoluta liberdade para consigo...*

*Muito bem! Apenas esses são meus leitores, meus verdadeiros leitores, meus leitores predestinados: que importância tem o **resto**? — O resto é somente a humanidade. — É preciso tornar-se superior à humanidade em poder, em **grandeza** de alma — em desprezo...*

Friedrich Nietzsche

I

— Olhemos-nos face a face. Somos hiperbóreos(1) — sabemos muito bem quão remota é nossa morada. “Nem por terra nem por mar encontrarás o caminho aos hiperbóreos”: mesmo Píndaro, em seus dias, sabia *tanto* sobre nós. Além do Norte, além do gelo, além da *morte* — *nossa vida, nossa felicidade...* Nós descobrimos essa felicidade; nós conhecemos o caminho; retiramos essa sabedoria dos milhares de anos no labirinto. Quem *mais* a descobriu? — O homem moderno? — “Eu não conheço nem a saída nem a entrada; sou tudo aquilo que não sabe nem sair nem entrar” — assim suspira o homem moderno... *Esse* é o tipo de modernidade que nos adoeceu — a paz indolente, o compromisso covarde, toda a virtuosa sujidade do moderno Sim e Não. Essa tolerância e *largeur*(2) de coração que tudo “perdoa” porque tudo “compreende” é um siroco(3) para nós. Antes viver no meio do gelo que entre virtudes modernas e outros ventos do sul!... Fomos bastante corajosos; não poupamos a nós mesmos nem os outros; mas levamos um longo tempo para descobrir *aonde* direcionar nossa coragem. Tornamo-nos tristes; nos chamaram de fatalistas. *Nosso* destino — ele era a plenitude, a tensão, o *acumular* de forças. Tínhamos sede de relâmpagos e grandes feitos; mantivemo-nos o mais longe possível da

felicidade dos fracos, da “resignação”... Nosso ar era empestuoso; nossa própria natureza tornou-se sombria — *pois ainda não havíamos encontrado o caminho*. A fórmula de nossa felicidade: um Sim, um Não, uma linha reta, uma *meta...*

II

O que é bom? — Tudo que aumenta, no homem, a sensação de poder, a vontade de poder, o próprio poder.

O que é mau? — Tudo que se origina da fraqueza.

O que é felicidade? — A sensação de que o poder *aumenta* — de que uma resistência foi superada.

Não o contentamento, mas mais poder; não a paz a qualquer custo, mas a guerra; *não* a virtude, mas a eficiência (virtude no sentido da Renascença, *virtu*(1), virtude desvinculada de moralismos).

Os fracos e os malogrados devem perecer: primeiro princípio de *nossa* caridade. E realmente deve-se ajudá-los nisso.

O que é mais nocivo que qualquer vício? — A compaixão posta em prática em nome dos malogrados e dos fracos — o cristianismo...

III

O problema que aqui apresento não consiste em discutir o lugar da humanidade na escala dos seres vivos (— o homem é um fim —): mas que tipo de homem deve ser *criado*, que tipo deve ser *pretendido* como sendo o mais valioso, o mais digno de viver, a garantia mais segura do futuro.

Este tipo mais valioso já existiu bastantes vezes no passado: mas sempre como um afortunado acidente, como uma exceção, nunca como algo deliberadamente *desejado*. Com muita frequência esse foi precisamente o tipo mais temido; até ao presente foi considerado praticamente o terror dos terrores; — e devido a esse terror, o tipo contrário foi desejado, cultivado e *atingido*: o animal doméstico, o animal de rebanho, a doentia besta humana: o cristão...

IV

Pelo que aqui se entende como progresso, a humanidade certamente *não* representa uma evolução em direção a algo melhor, mais forte ou mais elevado. Este “progresso” é apenas uma idéia moderna, ou seja, uma idéia falsa. O Europeu de hoje, em sua essência, possui muito menos valor que o Europeu da Renascença; o processo da evolução *não* significa necessariamente elevação, melhora, fortalecimento.

É bem verdade que ela tem sucesso em casos isolados e individuais em várias partes da Terra e sob as mais variadas culturas, e nesses casos certamente se manifesta um tipo *superior*; um tipo que, comparado ao resto da humanidade, parece uma espécie de super-homem. Tais golpes de sorte sempre foram possíveis e, talvez, sempre serão. Até mesmo raças inteiras, tribos e nações podem ocasionalmente representar tais ditosos acidentes.

V

Não devemos enfeitar nem embelezar o cristianismo: ele travou uma guerra de morte contra este tipo de homem *superior*, anatematizou todos os instintos mais profundos desse tipo, destilou seus conceitos de mal e de maldade personificada a partir desses instintos — o homem forte como um réprobo, como “degredado entre os homens”. O cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, baixo e fracassado; forjou seu ideal a partir da *oposição* a todos os instintos de preservação da vida saudável; corrompeu até mesmo as faculdades daquelas naturezas intelectualmente mais vigorosas, ensinando que os valores intelectuais elevados são apenas pecados, descaminhos, tentações. O exemplo mais lamentável: o corrompimento de Pascal, o qual acreditava que seu intelecto havia sido destruído pelo pecado original, quando na verdade tinha sido destruído pelo cristianismo! —

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

